

EDUCAÇÃO E MODERNIDADE: OS DESAFIOS DA ATUAÇÃO DOCENTE

Genilza Castro Carneiro¹

Mestranda em Educação (PPGIES-UNEB)

<https://orcid.org/0009-0004-1413-4031>

Arlete Rodrigues de Souza²

Mestranda em Educação (PPGIES-UNEB)

<https://orcid.org/0009-0008-5951-6518>

César Costa Vitorino³

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

<https://orcid.org/0000-0003-4121-004X>

RESUMO

Este artigo objetivou refletir sobre os desafios enfrentados pela docência hodiernamente. A partir da metodologia de orientação qualitativa buscou-se analisar o impacto das transformações sociais e culturais na prática pedagógica a partir de pesquisa bibliográfica, apoiando-se em autores como: Paulo Freire (1987); Maurice Tardif (2002); Zygmunt Bauman (2001); Hunt e Sherman (2000), dentre outros. Os resultados apontam para a necessidade de uma atuação docente crítica, reflexiva e dialógica, capaz de responder às demandas de um mundo em constante mudança. Considerando os limites do estudo sugerem-se futuras pesquisas que aprofundem a análise empírica da atuação docente em contextos específicos, como comunidades quilombolas, ribeirinhas e indígenas, cujas dinâmicas socioculturais apresentam desafios particulares à prática pedagógica. Outra vertente possível é aprofundar a relação entre globalização, apagamento cultural e práticas escolares, à luz de pensadores como Milton Santos, Enrique Dussel e Zygmunt Bauman.

Palavras-chave: Educação; Atuação Docente; Modernidade.

EDUCACIÓN Y MODERNIDAD: LOS DESAFÍOS DE LA ENSEÑANZA

RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo reflexionar sobre los desafíos que enfrenta la docencia en la actualidad. Mediante una metodología cualitativa, analizamos el impacto de las transformaciones sociales y culturales en la práctica pedagógica mediante investigación bibliográfica, con la participación de autores como Paulo Freire (1987); Maurice Tardif (2002); Zygmunt Bauman (2001); Hunt y Sherman (2000), entre otros. Los resultados apuntan a la necesidad de una enseñanza crítica, reflexiva y dialógica, capaz de responder a las demandas de un mundo en constante cambio. Considerando las limitaciones del estudio, sugerimos futuras investigaciones que profundicen el análisis empírico de la práctica docente en contextos específicos, como las comunidades quilombolas, ribereñas e indígenas, cuyas dinámicas socioculturales presentan desafíos particulares para la práctica pedagógica. Otro enfoque posible es profundizar en la relación entre la globalización, el borrado cultural y las prácticas escolares, a la luz de pensadores como Milton Santos, Enrique Dussel y Zygmunt Bauman.

Palabras clave: Educación; Práctica Docente; Modernidad.

EDUCATION AND MODERNITY: THE CHALLENGES OF TEACHING

ABSTRACT

This article aimed to reflect on the challenges faced by teaching today. Using a qualitative methodology, we sought to analyze the impact of social and cultural transformations on pedagogical practice through bibliographic research, drawing on authors such as Paulo Freire (1987); Maurice Tardif (2002); Zygmunt

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES/UNEB). Professora da Secretaria Estadual de Educação da Bahia. E-mail: genilza6@yahoo.com.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES/UNEB). Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação. E-mail: arleterodrigues1236@gmail.com

³ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES/UNEB). E-mail: cvitorino@uneb.br



Bauman (2001); Hunt and Sherman (2000), among others. The results point to the need for critical, reflective, and dialogical teaching, capable of responding to the demands of a constantly changing world. Considering the limitations of the study, we suggest future research that deepens the empirical analysis of teaching practice in specific contexts, such as quilombola, riverside, and indigenous communities, whose sociocultural dynamics present particular challenges to pedagogical practice. Another possible approach is to delve deeper into the relationship between globalization, cultural erasure, and school practices, in light of thinkers such as Milton Santos, Enrique Dussel, and Zygmunt Bauman.

Keywords: Education; Teaching Practice; Modernity.

1 INTRODUÇÃO

A educação entendida como prática social e cultural tem passado por profundas transformações, sobretudo no contexto da modernidade líquida, conceito cunhado por Bauman (2001). Nessa modernidade marcada pela fluidez, pela instabilidade das relações e pela rapidez das mudanças sociais, o espaço escolar e a atuação docente são constantemente desafiados a se reinventarem diante das novas exigências sociais, tecnológicas e culturais (Gordiano; Andriola, 2022; Andriola; Gomes, 2017).

Tais transformações impactam diretamente a prática pedagógica, exigindo do professor mais do que o domínio de conteúdos curriculares. Espera-se uma postura ética, crítica, reflexiva e sensível às realidades dos estudantes, comprometida com a formação cidadã, com a construção da autonomia e com a valorização da diversidade cultural. A escola, antes considerada uma instituição de estabilidade e transmissão do saber, passa a ser percebida como um espaço fluido, atravessado por tensões sociais, políticas e subjetivas, que exigem dos educadores um constante movimento de (re)adaptação e ressignificação de sua prática.

Diante disso, torna-se fundamental refletir sobre os novos contornos da docência no cenário contemporâneo, marcado por impactos do neoliberalismo nas políticas educacionais, por exemplo, têm levado à padronização de currículos e de avaliações, enfraquecendo a autonomia docente e afastando a escola de seu papel social transformador.

Neste contexto, questiona-se: quais os principais desafios enfrentados pelos professores diante das exigências da modernidade contemporânea? Que tipo de formação e de atuação docente são necessárias para lidar com um cenário marcado por contradições, incertezas e exclusões?

Este artigo tem como objetivo discutir os desafios da prática docente na contemporaneidade, refletindo sobre a necessidade de uma atuação que vá além da

técnica e da reprodução de conteúdo, abarcando o compromisso ético, político e social com uma educação crítica, dialógica e emancipadora (Freire, 1987).

Parte-se da compreensão de que o papel do professor não se limita à função instrumental, mas envolve uma dimensão formadora e relacional que considera a escola como espaço de disputas e possibilidades. Para tanto, são mobilizados autores como Paulo Freire (1987); Maurice Tardif (2002); Zygmunt Baumann (2001); Hunt e Sherman (2000), cuja reflexões contribuem para compreender os desafios e as múltiplas dimensões do trabalho docente em um mundo marcado por contradições, exclusões e incertezas.

2. EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

Analisar as relações entre educação, desenvolvimento social e as transformações educacionais na sociedade atual, especialmente sob a ótica das influências neoliberais, é fundamental. Essa reflexão permite aos indivíduos compreenderem as mudanças do mundo contemporâneo e como a educação se articula com os desafios da modernidade. Nesse sentido, a prática pedagógica se realiza como sustentáculos, um diálogo contínuo entre os sujeitos e suas circunstâncias, sendo assim, uma prática pedagógica, em seu sentido de práxis, configura-se sempre como uma ação consciente e colaborativa, que emergem valores e ideais, isto é, a união de teoria e prática no exercício de ensinar e envolver também consciência de todo processo educativo.

Como conceito, entende-se que ela se aproxima da afirmação de Sacristán (1999), apontando que a prática educativa é algo mais do que expressão do ofício dos professores; é algo que não pertence por inteiro aos professores, uma vez que há traços culturais compartilhados que formam o que pode ser designado por subjetividades pedagógicas (Franco, 2012).

Tardif (2002) pontua que os professores possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas, sendo este um constructo social produzido pela racionalidade concreta dos atores, por suas deliberações, racionalizações e motivações que constituem a fonte de seus julgamentos, escolhas e decisões. A docência na modernidade enfrenta diversos desafios, especialmente com as rápidas mudanças sociais, tecnológicas e culturais. Segundo Tardif (2002), a formação de professores precisa estar em constante atualização para acompanhar essas transformações, pois o mundo contemporâneo exige uma prática pedagógica que seja flexível e inovadora. Ele afirma que "a formação de professores deve



ser um processo contínuo, que permita ao educador refletir sobre sua prática e adaptá-la às novas demandas sociais" (Tardif, 2002).

A dificuldade dos professores em adaptar suas metodologias às novas demandas muitas vezes gera insegurança e resistência, o que dificulta a oferta de uma educação verdadeiramente significativa e contextualizada. Nesse cenário, o pensamento de Paulo Freire nos guia, alertando para a necessidade de uma educação que seja libertadora e dialógica. Ele defende que o grande desafio do educador é promover uma aprendizagem que se conecte com a realidade dos estudantes, tornando o processo de ensino mais relevante e engajador.

Na modernidade, essa tarefa se torna ainda mais complexa devido à diversidade de conhecimentos e às múltiplas formas de acesso à informação, exigindo do professor uma postura crítica e criativa para estimular o pensamento reflexivo e a autonomia dos alunos. Sobre a interdisciplinaridade, Fazenda (2012) reforça que ela é fundamental para uma educação mais integrada e contextualizada. No entanto, um dos desafios é justamente a dificuldade de implementar práticas interdisciplinares de forma efetiva nas escolas, devido à estrutura curricular rígida e à falta de formação específica dos professores nesse enfoque.

Assim, a integração de diferentes áreas do conhecimento demanda uma mudança de mentalidade e uma maior colaboração entre os docentes, o que nem sempre é fácil de alcançar na rotina escolar. Como Tardif (2002) também aponta, "a formação continuada deve promover a reflexão sobre a prática docente e estimular a inovação pedagógica", o que reforça a necessidade de uma preparação constante para enfrentar esses desafios.

Esses obstáculos, embora complexos, são essenciais para promover uma educação mais crítica, criativa e conectada com a realidade do mundo contemporâneo. Nesse sentido, a escola enquanto espaço social e educativo também pode ser lida como uma paisagem: um território que expressa desigualdades, memórias, resistências e práticas cotidianas. A sala de aula, os murais, os corredores, a disposição dos ambientes e até os silêncios da escola são partes dessa paisagem viva, a qual revela sobretudo o projeto pedagógico, as condições estruturais e as relações de poder que nela se apresentam. Refletir sobre a paisagem escolar à luz do pensamento de Santos possibilita uma leitura crítica e aprofundada do espaço educativo, entendendo-o não apenas como um cenário físico, mas como um espaço social, simbólico e historicamente construído.

Para o autor, a paisagem não se resume às formas visíveis do espaço, mas representa “o conjunto de formas que exprime as heranças que representam as sucessivas descontinuidades e continuidades do processo” (Santos, 2001, p. 63). Nessa perspectiva, a escola se revela como um espaço-tempo formativo, marcado por memórias, disputas, subjetividades e possibilidades de transformação. Cada parede, corredor ou prática pedagógica carrega marcas do contexto social em que está inserida, revelando tanto desigualdades quanto resistências, tanto permanências quanto rupturas.

Nesse cenário, é fundamental dialogar com Bauman (2001), ao analisarmos como a lógica da modernidade influencia o ambiente escolar e a atuação docente. O autor afirma que a liberdade moderna, antes idealizada como libertação das amarras tradicionais, transformou-se em liberdade solitária e carregada de incertezas. “O fardo da liberdade recai sobre os ombros dos indivíduos” (Bauman, 2001, p. 38), que se veem obrigados a tomar decisões em meio a um cenário instável, competitivo e desigual.

No contexto escolar, isso se manifesta em múltiplos níveis: os estudantes são desafiados a fazer escolhas sobre seu futuro desde muito cedo, muitas vezes sem o amadurecimento necessário ou o suporte emocional adequado, enquanto os professores enfrentam a pressão de se reinventar continuamente diante das exigências de um mundo acelerado, digitalizado e fragmentado. Além disso, os vínculos escolares tornam-se mais frágeis e utilitaristas, frequentemente esvaziados de sentido crítico e coletivo. O próprio papel da escola é questionado frente à velocidade das transformações tecnológicas, das mudanças culturais e da reconfiguração dos laços sociais. Portanto, compreender a escola como paisagem e espaço fluido de disputas e reconstruções à luz de Bauman (2001), permite reconhecer os desafios do cotidiano escolar, visto que reafirma o seu potencial como território de resistência, criação e formação humana integral.

Por fim, essa análise crítica demanda considerar também as origens históricas da modernidade. Como mostram Hunt e Sherman (2008), o liberalismo clássico foi fundamental na legitimação do capitalismo industrial. Ao promover o livre mercado, a propriedade privada e a mínima intervenção estatal, esse modelo consolidou uma lógica de organização social baseada na competição e na desigualdade, valores que ainda ecoam nas estruturas escolares atuais. A educação foi integrada a essa engrenagem como instrumento de reprodução social, perdendo muitas vezes seu potencial emancipador.



2.1 EDUCAÇÃO, NEOLIBERALISMO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

No contexto da modernidade, a educação tem sofrido reformas orientadas pelo ideário neoliberal, visando a valorização e a lógica do mercado, a competitividade e a eficiência. Nesse cenário, observa-se uma crescente precarização do trabalho docente. Como afirma Saviani (2007), essa precarização não é fruto do acaso, mas resultado de decisões políticas alinhadas a uma lógica mercantil, que transforma a educação, visto que historicamente foi concebida como um direito social, a qual um serviço submetido à lógica do capital, acentuando desigualdades no acesso e na qualidade do ensino.

Essa lógica, que prioriza resultados, metas e avaliações padronizadas, muitas vezes descaracteriza o sentido formativo e humanizador da educação, impondo aos professores uma rotina burocratizada e tecnicista. Entretanto, mesmo diante das adversidades, muitos educadores buscam caminhos criativos e afetivos para promover aprendizagens significativas. É nesse ponto que as Tecnologias Digitais, embora muitas vezes utilizadas como instrumentos de controle ou eficiência, podem se tornar aliadas de uma pedagogia inovadora e crítica, desde que estejam a serviço de um projeto educacional emancipador.

Sendo assim, com as transformações sociais e o avanço acelerado das tecnologias, surgem novas demandas para a prática pedagógica. Nesse cenário, Morin, Masetto e Behrens (2000, p. 25) destacam:

Com as mudanças na sociedade, as formas de ensinar também sofreram alterações, tanto os professores como os alunos percebem que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. [...] Mudanças na educação é importante para mudar a sociedade. As tecnologias estão cada vez mais em evidência e os investimentos visam ter cada classe conectada à Internet e cada aluno com um notebook; investe-se também em educação a distância, educação contínua, cursos de curta duração. Mas só tecnologia não basta. "Ensinar é um desafio constante".

Essa reflexão evidencia que a inovação tecnológica, por si só, não garante melhorias na aprendizagem se não estiver articulada a metodologias que coloquem o educador como mediador crítico, criativo e sensível às necessidades dos estudantes. Nessa linha, o uso da tecnologia na educação não deve estar desvinculado da reflexão crítica sobre os fins do ato educativo, como ressaltam os autores. Portanto despertar o interesse dos alunos e resgatar o sentido ético e transformador da docência, mesmo diante de um cenário marcado pela instabilidade e pela mercantilização da educação são

ações que promovem a inserção do sujeito no protagonismo do conhecimento nesse cenário educacional.

Romper com esse ciclo de apagamento exige mais do que ações pontuais. É necessário um reposicionamento político e epistemológico da educação. A escola deve ser pensada como espaço de reconhecimento, onde saberes ancestrais, cosmologias não ocidentais e experiências periféricas sejam integradas ao currículo e valorizadas como fontes legítimas de conhecimento. Isso implica, como defende Djamila Ribeiro, “pensar uma pedagogia antirracista que reconheça o lugar de fala como um ponto de partida para a escuta e para o diálogo real” (Ribeiro, 2017, p. 67).

A atuação docente, nesse contexto, torna-se um ato político. O professor não é apenas transmissor de conteúdos, mas mediador de sentidos, agente de transformação e promotor de justiça social. É necessário, como diz Paulo Freire (2011), “ensinar com o mundo e não contra ele”, resgatando as histórias dos territórios e integrando-as ao fazer pedagógico. Santos (2006) complementa essa ideia ao dizer que “o território usado, aquele que está cheio de vida, é o que verdadeiramente importa” (p. 120). O conhecimento não nasce no abstrato, mas no chão vivido, no território sentido, na comunidade que educa. Valorizar esse território é também garantir que os povos que o habitam não sejam apagados por uma lógica que os veem como obstáculos ao progresso.

Dessa forma, resistir ao apagamento é também construir uma nova proposta de educação: uma educação enraizada, crítica, libertadora e inclusiva. Que reconheça o valor da oralidade, da memória, da espiritualidade e da ancestralidade. Que rompa com o epistemicídio e celebre a diversidade como riqueza.

Conforme nos lembra Evaristo (2005, p. 33): “nossos passos vêm de longe”. E é com essa memória dos que vieram antes que seguimos construindo caminhos para que a escola seja um espaço de acolhimento, visibilidade e reparação histórica para todos os povos.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica, visto que, os dados consistem na análise e interpretação de produções teóricas que discutem a relação entre educação, modernidade e os desafios enfrentados pela docência no cenário atual. Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica, é desenvolvida com base em material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e documentos oficiais.



Nesse sentido, a investigação busca mapear os principais conceitos, fundamentos e reflexões sobre a atuação docente em um contexto marcado pelas transformações sociais, culturais e políticas da modernidade. A abordagem qualitativa justifica-se pelo caráter interpretativo e reflexivo da proposta, objetivando à compreensão crítica das múltiplas dimensões que envolvem a docência em um cenário de mudanças profundas, globalização e desafios ético-políticos.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A docência hoje exige mais do que transmissão de conhecimento: exige escuta, sensibilidade, compromisso social e domínio das tecnologias. O professor atua em um ambiente de mudanças rápidas e complexas, que demandam constante atualização e resiliência. Além disso, precisa lidar com a diversidade em sala de aula e com a necessidade de promover práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas.

A valorização do conhecimento científico precisa caminhar junto ao respeito pelos saberes comunitários e culturais dos alunos. Como destaca Freire (1989), "a leitura do mundo precede a leitura da palavra". Logo, é papel do educador articular saberes escolares e experiências de vida dos educandos.

Os resultados da investigação revelam que os desafios enfrentados pelos docentes na contemporaneidade estão diretamente ligados aos impactos da modernidade e da globalização no campo educacional. As exigências por resultados imediatos, o avanço das políticas neoliberais e a padronização dos currículos têm intensificado a precarização da prática docente e contribuído para o distanciamento entre escola e comunidade.

Esses achados confirmam o que afirma Santos (2001) ao criticar a lógica hegemônica da globalização, que impõe um modelo único de sociedade e despreza a diversidade cultural: "a racionalidade dominante transformou o mundo em um mercado, e as pessoas em consumidores passivos" (Santos, 2001, p. 42). Na educação, isso se traduz em um ensino que não dialoga com o cotidiano dos sujeitos e que desvaloriza suas experiências.

Além das críticas à lógica hegemônica da globalização, Milton Santos destaca que a sociedade contemporânea vive um processo de fragmentação e complexidade, onde as mudanças rápidas dificultam a compreensão e a adaptação dos professores às novas realidades. Essa complexidade exige que os docentes desenvolvam uma postura



de constante reflexão e flexibilidade, capazes de lidar com múltiplas demandas e contextos diversos, sem perder de vista a importância de uma educação que valorize a diversidade cultural e social dos estudantes. Assim, o desafio está em promover uma formação docente que seja capaz de navegar por esse mundo em transformação, promovendo uma educação mais crítica e contextualizada.

Por outro lado, Bauman fala sobre a "modernidade líquida", caracterizada pela instabilidade, pela fluidez das relações e pela incerteza. Para os professores, isso significa enfrentar um cenário onde as certezas tradicionais do ensino e da aprendizagem se dissolvem, exigindo uma postura de adaptação contínua às mudanças tecnológicas, sociais e culturais. Ivani Fazenda e Morin reforçam a necessidade de uma educação que seja capaz de promover o pensamento complexo, a interdisciplinaridade e a valorização do diálogo. Assim, os docentes precisam desenvolver habilidades de escuta, empatia e criatividade para lidar com essa liquidez social, promovendo uma aprendizagem que seja significativa e capaz de preparar os estudantes para um mundo em constante transformação.

Nessa perspectiva os autores acima em estudo oferecem abordagens distintas, mas complementares, sobre os desafios enfrentados pelos docentes na modernidade. Bauman destaca a fluidez e a incerteza do mundo contemporâneo, o que exige que os professores se adaptem constantemente às mudanças rápidas na sociedade e na educação. Dussel, por sua vez, enfatiza a importância de uma pedagogia que seja inclusiva e crítica, enfrentando as desigualdades e promovendo a justiça social, algo cada vez mais necessário na modernidade. Djamila Ribeiro traz à tona a questão do racismo estrutural e da diversidade, desafiando os docentes a refletirem sobre suas práticas e a promoverem uma educação mais plural e consciente. Já Conceição Evaristo reforça a necessidade de uma formação docente que valorize as identidades negras e periféricas, enfrentando o racismo e promovendo a equidade. Assim, esses pensadores nos ajudam a entender que os desafios docentes na modernidade envolvem tanto a adaptação às mudanças sociais quanto a luta por uma educação mais justa, inclusiva e consciente das diversidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário educacional da modernidade impõe ao docente o desafio de reinventar sua prática de forma crítica, ética e dialógica. Para isso, é essencial investir na formação



continuada, no trabalho coletivo e na construção de uma escola mais humana, democrática e inclusiva. A valorização dos múltiplos saberes e a abertura ao diálogo com a realidade dos alunos são caminhos possíveis para enfrentar os desafios da docência na contemporaneidade. A escola, muitas vezes submetida às exigências de padronização, produtividade e neutralidade, reproduz práticas pedagógicas que desconsideram os saberes, as histórias e as identidades dos sujeitos que vivem à margem dos centros de poder (Silva; Andriola, 2023).

O desinteresse dos estudantes pelas atividades escolares não se dá por incapacidade ou desmotivação natural, mas pela ausência de representatividade, reconhecimento e pertencimento (Rodrigues *et al.*, 2025). Como demonstrado, a globalização não é apenas um fenômeno econômico, mas um processo cultural e epistemológico que exclui vozes dissidentes e impede o florescimento da diversidade.

Autores como Santos, Baumann, Dussel, Ribeiro e Evaristo denunciam, cada um a seu modo, como o sistema hegemônico silencia e inviabiliza outras formas de existência e de conhecimento. Santos nos alerta sobre a "globalização perversa", que homogeneíza os espaços e apaga os territórios vivos; Bauman denuncia a fluidez das relações e a exclusão dos não adaptáveis; Dussel convoca à superação da colonialidade do saber; Ribeiro exige o reconhecimento do lugar de fala como base para uma educação antirracista; e Evaristo lembra que resistimos desde os passos dos nossos ancestrais.

A crítica ao sistema hegemônico, que silencia e inviabiliza outras formas de conhecimento, é um ponto de convergência entre vários pensadores. Santos denuncia a "globalização perversa", que homogeneíza os espaços, enquanto Bauman critica a fluidez das relações. Dussel nos convoca a superar a colonialidade do saber, e a perspectiva de Ribeiro exige o reconhecimento do lugar de fala para uma educação antirracista. A resistência, por sua vez, é lembrada por Evaristo, que nos conecta aos passos dos nossos ancestrais.

Diante disso, é urgente repensar a prática docente como ato político, ético e cultural. O educador deve estar comprometido não apenas com o conteúdo, mas com a formação de sujeitos críticos, conscientes e pertencentes ao seu território. É necessário romper com o currículo eurocêntrico, abrir espaço para os saberes locais, resgatar as histórias silenciadas e construir uma escola que acolha, reconheça e valorize a diversidade em sua plenitude.

A prática pedagógica em territórios quilombolas exige sensibilidade, escuta ativa e compromisso com a justiça social. Ensinar, nesses contextos, é também resistir ao apagamento, valorizar a memória coletiva e reconstruir pontes entre a escola e a vida. Como afirmou Paulo Freire, “a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. E é nesse movimento de transformação — pessoal, coletiva e territorial — que reside a potência da docência.

Por fim, é imprescindível entender que os desafios da educação contemporânea não podem ser enfrentados com soluções tecnocráticas ou descoladas da realidade. A construção de uma educação verdadeiramente emancipadora passa pelo reconhecimento das comunidades tradicionais como protagonistas do processo educativo, pela valorização das suas práticas culturais e pelo compromisso com a superação das desigualdades históricas. A escola deve deixar de ser espaço de silenciamento para se tornar território de voz, memória e libertação.

REFERÊNCIAS

- ANDRIOLA, W. B.; GOMES, C. A. S. Programa Um Computador Por Aluno (PROUCA): uma análise bibliométrica. **Educar em Revista**, p. 267-288, 2017.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- EVARISTO, C. “Escrevivências”: rastros biográficos em Becos da memória. Terra Roxa e Outras Terras: **Revista de Estudos Literários**, v. 17, n. 2, p. 85-94, dez. 2009.
- FAZENDA, I. **Ensino contextualizado: saberes em diálogo**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GORDIANO, C. A. S. G.; ANDRIOLA, W. B. Percurso histórico do uso de tecnologias digitais na Escola Pública brasileira: do EDUCOM ao PROUCA. **Revista Educação e Linguagem**, v. 9, p. 40-57, 2022.
- HUNT E.K.; SHERMAN, H. J. **História do pensamento econômico**. 19ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.



RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, R. N.; CARNEIRO ALEXANDRE, J. W.; ANDRIOLA, W. B.; FREITAS, S. M. Fatores motivacionais e características socioeconômicas atreladas à permanência dos discentes no ambiente universitário. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 14, p. e1968, 2025.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).

SILVA, A. B.; ANDRIOLA, W. B. Avaliações da educação básica em municipalidades do Ceará: 30 anos de história. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 34, p. e09040-23, 2023.

SILVA, F. C. M.; LIMA, A. S.; ANDRIOLA, W. B. Avaliação do suporte de TDIC na formação do pedagogo. Um estudo em universidade brasileira. **Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 14.3, p. 77-93, 2016.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

